

Parábola do Filho Pródigo - Lucas 15.11-24

Personagens:

1ª parte: Narrador

Voz oculta (do filho mais moço)

Voz oculta (do pai)

2ª parte: Filho mais velho

1º servo

2º servo

Pai

Veja também

O FILHO PRÓDIGO

[O filho Pródigo \(Retornando no Natal\)](#)

A DESOBEDIÊNCIA

A FILHA PRÓDIGA

FILHO PRÓDIGO - em Versão Moderna

DE VOLTA PRA CASA!

(todos usam trajes da época)

Cenário- cozinha de uma casa antiga. Mesa rústica, vasilhas de barro, facas, decozinha e outros utensílios. A um canto, algo que possa sugerir um forno antigo.

1ª Parte

(O narrador vai à frente, filho e pai estão ocultos)

NARRADOR: certo homem tinha dois filhos e o mais moço disse ao pai:

VOZ DO FILHO: Pai, dá-me a parte que me cabe dos bens.

NARRADOR: E ele repartiu os haveres. Passados não muitos dias, o filho mais moço, ajuntando tudo o que era seu, partiu para uma terra distante, e lá dissipou todos os seus bens, vivendo dissolutamente.

Depois de ter consumido tudo, sobreveio àquele país uma grande fome e ele começou a passar necessidade.

Então ele foi e se agregou a um daqueles cidadãos daquela terra, e este o mandou para os seus campos a guardar porcos.

Ali ele desejava fartar-se das alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada. Então, caindo em si, disse:

VOZ DO FILHO: Quantos trabalhadores de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui morro de fome!

Levantar-me-ei e irei ter com meu pai e direi:

Pai, pequei contra o céu e diante de ti, já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores.

NARRADOR: E, levantando-se, foi para seu pai.

Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou e, compadecido dele, correndo, o abraçou e beijou. E o filho lhe disse:

VOZ DO FILHO: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho.

NARRADOR: O pai, porém, disse aos seus servos:

VOZ DO PAI: Trazei depressa a melhor roupa, vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés;

trazei também e matai o novilho cevado.

Comamos e regozijemo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado.

NARRADOR: E começaram a regozijar-se. Ora, o filho mais velho estivera no campo; e, quando voltava...

2ª Parte

(Dois servos entram carregando vasilhas de barro e utensílios de cozinha. Começam a preparar o banquete. Manejam grandes facões como se estivessem tratando a carne do bezerro cevado, dentro das vasilhas de barro. Um jovem entra, com roupa de trabalho, para um pouco, escuta, admirado, as músicas vindas do interior da casa.)

FILHO: (surpreso) Por que esta música? Estão preparando um banquete? (olha as atividades dos servos) Que está acontecendo aqui? Que festa é esta?

1º SERVO: (abaixando-se junto ao forno para observar a bandeja que está a assar)- Seu irmão voltou.

2º SERVO: (sempre tratando a carne)- Seu pai mandou matar o bezerro que estávamos cevando e preparou uma grande festa para comemorar a volta dele.

FILHO: (visivelmente contrariado) Ah! Então ele voltou? E meu pai vai dar uma grande festa! Mas não há razão para isto...

2º SERVO: Ora, patrãozinho, tanto tempo que o menino estava fora! Não fica alegre?

1º SERVO: Seu pai está muito feliz e deu ao seu irmão um rico manto, um anel e sandálias novas.

FILHO: (com muita rispidez)- Ah! Então meu pai vai comemorar o desperdício que meu irmão fez com sua fortuna?

1º SERVO: Não, não é isso! Seu pai quer comemorar a volta dele. O patrãozinho não está contente?

FILHO: (ainda mais zangado) – Eu, contente? (vira as costas) . Não participarei desta festa! (muito revoltado) E sabem? Não entro mais nesta casa! (ao sair, encontra-se com o pai que vai entrando).

PAI: (encaminha-se para o filho, sorridente, esperando que ele compartilhe de sua alegria) – Meu filho, você já soube da novidade? Não? Seu irmão voltou!

FILHO: Já soube, sim...

PAI: Você não imagina como estou feliz!

FILHO: (cada vez mais irritado)- Imagino, sim...Pelos preparativos para a festa, que estou vendo...

PAI: Meu filho! É esta a sua reação diante de uma notícia tão maravilhosa? Você não acha que eu tenho razão para fazer esta festa? Você se esquece dos dias de angústia que passamos, sem saber do paradeiro do seu irmão?

FILHO: – Justamente por isto é que eu estou aborrecido, pai. Ele, por acaso, pensou no nosso sofrimento? Na certa, voltou porque não tem mais dinheiro para gastar...

PAI: Quanto pedi a Deus por este momento, meu filho! E você não entende a minha alegria...

FILHO: (contrafeito)- Entendo até certo ponto...mas, e eu, pai? Estive todo o tempo com o senhor, trabalhando, nunca lhe dei um desgosto...e quando foi que o senhor fez uma festa para mim? Nunca tive uma festa para alegrar-me com os meus amigos! Nunca, nunca, não foi?

PAI: (conciliador)- Meu filho querido! Eu e você sempre nos entendemos.

Trabalhamos juntos com os mesmos propósitos e você sabe que tudo o que é meu é seu também! Nunca soube que você desejava uma festa... e você acha que eu não faria uma se tivesse pedido?

FILHO: Eu sei, pai, mas...

PAI: (interrompendo)- Considere o significado da volta do seu irmão. Pensávamos que ele havia morrido e...de repente, ele voltou ao lar! Ele se arrependeu dos seus pecados e eu o perdoei. Ó, meu filho, seu irmão ESTAVA PERDIDO, e FOI ACHADO! Pense nisto: ele ESTAVA PERDIDO E FOI ACHADO! (Dá ênfase à frase final)

Clube de Treinamento para Escritores Evangélicos, Recife

Apresentações extraídas de:

VIANA, Juracy F. A igreja em festa. 2.ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.